

Nota editorial

Dossiê da revista *Animus* sobre Comunicação, Identidades Raciais e Racismo.

Curadores: Liv Sovik e Thiago Ansel, Escola de Comunicação da UFRJ

O convite da revista *Animus* aos pesquisadores em Comunicação para submeter trabalhos para um dossiê sobre o tema “Comunicação, Identidades Raciais e Racismo”, veiculado pela lista da COMPÓS, recebeu um número recorde de submissões na experiência da revista. O tamanho da vontade de publicar sobre o tema fala, ao nosso ver, de uma demanda represada, principalmente entre pós-graduandas e pós-graduandos que constituíram a maioria desses autores. Demanda represada porque o tema está muito vivo na sociedade brasileira e nas experiências de um crescente número de estudantes negros e negras, matriculados nos programas de pós-graduação em Comunicação, mas pouco discutido na área.

A atenção às identidades raciais e ao racismo tradicionalmente não fazem parte do leque de perspectivas analíticas sobre a comunicação no Brasil. Os motivos podem ser históricos. A partir do momento fundador, marcado pelo *boom* da indústria cultural brasileira e a globalização – ou americanização, como se dizia nos anos 60 e 70 - da produção cultural, os estudos da Comunicação têm sido mais “universalistas” do que particularistas ou nacionalistas. Nesse sentido, a área é diferente da Antropologia e das Letras, onde se pensa mais sobre a identidade nacional. Há exceções: afinal um dos principais teóricos brasileiros da Comunicação hoje, Muniz Sodré, fez impacto sobre a comunidade intelectual mais ampla com seus livros sobre as formas de pensar da cultura negra, mas o tema ainda não chegou ao *mainstream*.

As reflexões de Fredric Jameson sobre a área de Comunicação no Norte Atlântico de língua inglesa talvez ajudem a pensar o porquê da marginalidade de questões de identidades raciais. Ele apontou que, na Grã-Bretanha, Estados Unidos e Canadá, na divisão de trabalho entre os Estudos Culturais e os de Comunicação, restava “apenas a tecnologia das comunicações como uma marca ou característica distintiva da separação disciplinar” (Jameson, 1994: 16). Cita Jody Berland, dizendo que “a topografia do consumo é cada vez mais identificada como o mapa do social, na área” (*apud* Jameson, 1994: 17). Tecnologia de comunicação, consumo: são categorias amplas, centrais para os estudos de Comunicação, no hemisfério norte como aqui, e tendem a ter a aura do universal. Mas mesmo quando sim, se trata de identidades, muitas vezes a dinâmica das raciais é desprezada. Isso, como o dossiê que segue demonstra, está diminuindo com a nova geração de pesquisadores.

O texto de Jameson citado acima fala ainda das tradições intelectuais e acadêmicas ser formadas pela localização geopolítica dos pesquisadores. “É evidentemente a situação do Canadá à sombra do império da mídia dos EUA que dá aos nossos vizinhos seu privilégio epistemológico,” comenta ele (Jameson, 1994: 16). Se, no Brasil, a crítica à desigualdade racial não tem sido incorporada ao leque de questões convencionais, levantadas na análise da Comunicação, cabe pensar quais são as desvantagens epistemológicas que isso traz. O que se perde - se nos permitem a provocação, necessariamente simplificadora - com a desatenção aos problemas ligados ao amigo íntimo dessa crítica, a identidade nacional? Ao pensamento social enquanto antecedente do pensamento comunicacional brasileiro? Nos parece que o pensamento comunicacional tendencialmente universalista não só passa ao largo do problema da violência simbólica racista, presente no ambiente midiático, mas de

outros problemas e suas respectivas fortunas teóricas, como, por exemplo, a contribuição de culturas não logocêntricas à emergência de novos regimes de verdade. A área muitas vezes se submete ao convencionalismo epistemológico que uma atenção às diversas locais e formas em que se produzem verdades poderia amenizar.

Mas afinal, o quanto se estudou de identidades raciais e racismo, na área de Comunicação, nos últimos anos? Thiago Ansel e Erly Guedes, doutorando e mestranda do grupo de pesquisa sobre Comunicação, Cultura e Política da ECO-UFRJ, fizeram um levantamento de teses e dissertações defendidas entre 1990 e 2014 nos programas de pós-graduação em Comunicação filiados a Compós, que focalizaram identidades e relações raciais. Esse levantamento mostrou que dos 35 programas que disponibilizaram seus trabalhos online, cinco apresentaram um percentual de teses e dissertações sobre a questão racial superior a 10% (considerando a totalidade da produção discente de cada programa). Três desses programas se encontram na região sudeste (UFRJ, UFF e UFJF), um no centro-oeste (UFG) e um no norte (UFPA).

Esses dados quantitativos ajudam a constatar que o tema foi pouco frequente na produção discente de mestrados e doutorados em comunicação de todo o país, em mais de duas décadas. No entanto, o contraste entre o histórico de baixa recorrência do assunto das identidades raciais e do racismo nas teses e dissertações e a demanda represada aqui percebida sugere que não há falta de interesse. Talvez seja o momento de estarmos mais atentos a como “raça” importa mesmo naquelas abordagens que podem prescindir desta variável.

Por fim, queremos expressar nossa gratidão – e certamente a dos autores - aos editores da revista *Animus* por ter aberto a porta para o tema “Comunicação, Identidades Raciais e Racismo.

Liv Sovik e Thiago Ansel

Referência

Jameson, Fredric. Sobre os “Estudos da Cultura”. (trad. John Monteiro) **Novos Estudos CEBRAP**. No.39, julho 1994, p.11-48.